





PENAS DE PATO

VER A VIDA A PASSAR DA VARANDA

MIGUEL ARAÚJO

ÍNDICE



INTRODUÇÃO > 10

VER A VIDA A PASSAR DA VARANDA > 13

Pequeno conto de cordel I > 14

Saco amarelo e bata azul > 18

Fio de Ariadne > 22

As minhas férias > 26

Roça Maria Luiza > 30

Portugal, Portugal > 34

Porto > 38

Anos zero > 42

Os nomes dos cafés > 46

Crónica do rapazito de ar melancólico junto ao paredão
de Matosinhos > 52

Berlinde > 56

Porque é que não gosto de futebol > 60

Santos da casa > 64

A minha opinião sobre opiniões > 52

Deus > 72

Coisas > 76

Filhos > 80

Carta à minha filha > 84

Velho para ser novo e novo para ser velho > 88

Lourizela > 92

Andar de avião > 96

Glass Onion > 100

PEQUENOS CONTOS DE CORDEL > 105

Justino Amadeu > 106

Sr. Germano > 110

TENTAR NÃO FICAR DEMASIADO AQUÉM > 115

Ser guitarrista > 116

While my guitar gently weeps > 120

Fazer músicas > 124

Sampa > 128

Letra ou música? > 132

Cantar em inglês > 136

Transição > 140

AZ > 144

Pop de trás para a frente lê-se na mesma pop > 148

Os Fabulosos Irmãos Sobral > 152

O fim do álbum > 156

The Night They Drove Old Dixie Down > 162

Ano Novo > 166

Tower of Song > 170



INTRODUÇÃO

Escrever letras de canções é uma tarefa caprichosa. Escrever as palavras reclamadas por uma melodia é um processo moroso, difícil, necessariamente forçado. As palavras têm de se submeter a uma fonética, a uma métrica, a uma estrutura rítmica, a uma estrutura rítmica e, acima (e apesar) de tudo, a uma ideia. O caminho que vai da ideia à sua concretização é longo e pedregoso. Tem sido essa a minha convivência com as palavras, com a língua. Convivo com a língua e com as palavras em termos não muito fáceis. É um trabalho que me chama e exige as minhas melhores horas, pelo encanto que a música popular sempre exerceu sobre mim mas também, precisamente, por essa dificuldade que apresenta. É difícil, vai sendo cada vez mais difícil, e eu encaro isso com medo e entusiasmo. Muitas das vezes, as minhas ideias para letras arrancam de um texto corrido, imediato, transparente, numa escrita automática oleada e escorreita que se dá ao ritmo do meu pensamento. É uma espécie de prosa que eu sempre guardei para mim, não propriamente por pudor mas por nunca lhe ter conferido o estatuto de qualquer espécie de relevância. Mais recentemente na minha vida, ocorreu-me encarar essa escrita, esse tipo de texto mais transparente, como coisa acabada, capaz de se bastar

a si própria. Chego a pensar que um pedaço de texto que se resolve em cinco minutos terá eventualmente mais de mim do que a letra duma canção, que me demora cinco meses. Mais de mim, por ter menos de mim a interpor-se-lhe no caminho. Eu apareço menos de permeio entre a ideia e a sua resolução, talvez as ideias se mostrem com mais transparência ao não serem forjadas no molde que se lhes depara na frente. Este livro reúne cerca de um ano e meio de textos dessa natureza. Tem sido um bálsamo poder dar luz e corpo a uma ideia que se anima num assomo através desta forma que se foi reconciliando dentro de mim como mais uma possibilidade. O meu agradecimento à revista *Visão* por ter aberto essa possibilidade, em especial à Mafalda Anjos, através de um convite que me envaidece para lá do que me é possível descrever. O meu sincero agradecimento também à Penguin, em especial à Clara Capitão, por ter encontrado nestes textos pertinência para a sua publicação em livro. Obrigado também ao Tito Couto pela organização destes textos soltos. É para mim uma honra tremenda ver estes textos reunidos num livro.



**VER A VIDA
A PASSAR
DA VARANDA**



PEQUENO CONTO DE CORDEL I

Estou aqui parado em frente à casa velha mas não entro. Não é que eu queira propriamente entrar. É mais a questão de que nem sequer posso. «Alvará de construção, propriedade da Caixa de Vigo.» Esta casa agora já não é da minha avó. Já não é da minha família. Não posso entrar, seria invasão de propriedade privada. Mas também não quero. Mudei muito desde que a minha avó morreu, agora tenho barba e estou um bocado mais gordo. Tenho medo que não me reconheça e não estou para ser corrido à vassourada pela minha própria avó como os comunistas barbudos do 25 de Abril. Os comunistas barbudos a quererem saber quantas divisões tinha a casa e a minha avó de vassoura, a enxotá-los como se fossem moscas. O 25 de Abril que para mim não existiu (nasci em 1978) a não ser em histórias de barbudos indiscretos e vassouradas.

Agora isto vai ser um Banco.

Imagino (consigo ver) algum bisavô velho, pré-senil, de pijama, gorro de dormir e mau humor, a gritar lá de cima, do quarto grande, que qualquer dia nos entram por aqui adentro os espanhóis. À volta do bisavô velho (nunca conheci nenhum bisavô) saltitam tias atarefadas, numa azáfama de lençóis, botijas e pachos de água quente, a dizer «está bem, meu pai,

está bem», com aquela condescendência que as mulheres têm quando tratam dos velhos.

E, no entanto, o letreiro. «Caixa de Vigo.» Os velhos têm sempre razão.

Agora vai estar ali um caixa a receber as pessoas, em vez da minha tia «meninos, limpem os pés». Ali, onde a minha avó estendia a roupa, as pessoas vão poder estender os limites dos créditos. Já estou a ver exércitos de cidadãos e cidadãs munidos de cônjuges e carrinhos de bebês, a subir rampa acima (de certeza que vão pôr uma, de acordo com as normas europeias — lá se vai o galinheiro) a caminho dos seus financiamentos.

Ali atrás é onde fazíamos as nossas vendas. Era para juntar dinheiro para os cromos do México 86. (Havia um jogador da Escócia chamado Archibald que nunca mais me saía.) Mas a mercadoria acabava por ser toda oferecida, o negócio ia abaixo, e depois o meu primo mais velho afixava um letreiro que dizia «a generosidade é o primeiro passo para a falência». Em princípio, tudo indica que os senhores espanhóis não vão correr esse risco.

Para já, só está aqui este letreiro, mas daqui a nada há-de estar aqui um Banco que se pode ver. A casa é bonita e vai ser, sem dúvida, uma bela inauguração. Será que vêm televisões filmar? Pelo menos o evento há-de ser filmado para mostrar num daqueles fins-de-semana de Team Building em Tróia. Que vergonha. Nem quero ver (mas eu consigo ver estas coisas). O senhor espanhol de tesoura em punho para cortar a fita, depois dos apertos de mão diplomáticos, e o velho

«Vêm aí os espanhóis!»

E a tia

«Meninos, limpem os pés!»

Vai ser uma vergonha. A minha avó a descer as escadas a correr, ofegante e determinada, armada em padeira de Aljubarrota, a ir buscar a vassoura que está, desde que me lembro, pendurada atrás da porta da despensa, ao pé do chicote de couro.

SACO AMARELO E BATA AZUL



Lembro-me do meu primeiro dia de aulas com a mesma nitidez com que me lembro do dia de ontem.

A casa da minha família era em Águas Santas, Maia, e o Colégio Luso-Francês ficava no Amial, Porto. Ainda era longe. Foi o meu pai que me levou, estava a chover. No caminho havia um sítio onde o pessoal encostava para comprar o jornal a um ardina que sacava *Comércios do Porto* semi-húmidos de dentro dum saco de oleado grosso, amarelo-vivo. Essa pequena paragem para abastecer os cidadãos de informação diária causava sempre algum engarrafamento. Foi por isso que cheguei com alguns dez minutos de atraso ao meu primeiro dia de escola. E foi durante esses dez minutos fundamentais que todos os outros vinte e tal recém-iniciados no longo calvário escolar pelo qual todos passamos criaram laços. Choro e ranger de dentes, os pais e as mães a virarem costas, «meninos, esta é a professora Antónia, digam olá», «olááááá!», esses trâmites normais. Já eu, quando cheguei à Sala das Joaninhas, encontrei um ecossistema perfeitamente estabilizado, assente em milénios e milénios de harmonização e auto-ajuste. Grupinhos feitos, crianças a brincar e a rir, e eu, o forasteiro.

No Colégio Luso-Francês andava-se de bata. As batas tinham o logótipo bordado, CLF. E a minha avó, sendo a minha avó, tinha tratado de fazer, ela própria, a minha bata, num azul ligeiramente diferente e com o logótipo nitidamente maior. Como eu era mais alto que os outros, mais tímido e menos esperto, de uniforme desgarrado, vi-me ali à rasca. E os outros todos na maior, a saberem de coisas que eu não sabia. Essa sensação de que o colectivo dispõe de informação que me é vedada, de que o resto das pessoas está a par de formalidades das quais só a mim é que ninguém avisou, é algo que me acompanha até hoje.

Vejo-me aflito na vida real. Meto-me numa fila e toda a gente tem um impresso na mão que só eu é que não faço ideia que era preciso ter tirado, nem onde se tira. Não consigo tratar de nada. Compro bilhetes de avião *online* a 12 euros, clico no OK e aparece «Parabéns, conseguiu os seus bilhetes», e no total, afinal, são 200 e tal euros. Aparece-me uma carta em casa e não a abro, nem lhe toco, deixo-a ali quietinha na esperança de que tudo se resolva por si, que as letras a dizer Ministério Público desapareçam por milagre, como as fotografias no *Retorno ao Futuro I*. Numa situação que envolva senhas, impressos, requerimentos e papelada vária, sinto-me sempre muito aquém de todos os outros. Sou o Indiana Jones a tentar sair vivo de Ankara. É por isso que a vida me tornou num espectador dela mesma. A vida real é-me vedada por falta de esperteza e desembaraço e só me resta observar da varanda.

Foi por essas e por outras que me agarrei à viola que os meus pais me ofereceram no Natal de 1990 como um naufrago se agarra a uma bóia. Por falta de alternativa. Por uma sorte inacreditável e que nem sequer é propriamente merecida,

encontrei um lugar no mundo através da música popular. Graças a ela, ando por aí como uma barata tonta de terra em terra e tenho sempre um prato de comida quente, cama e roupa lavada e a papelada toda em ordem. Não fosse isso e ainda hoje me sentava no passeio à espera que a minha mãe me viesse buscar.

Por esta sucessão de milagres, tenho mais facilidade em conceber um refrão do que a ideia de preencher uma folha de IRS. Sem ela, o mais certo era eu acabar um indigente, um pária, um inimputável. Benditos dez minutos. Bendita chuva. Bendito saco amarelo e bendita bata azul. Se não fosse o vendedor de *Comércios do Porto* e a máquina de costura da minha avó, o que é que havia de ser de mim.